



CASALDÁLIGA E EDUCAÇÃO: Questões ambientais conectadas com políticas educativas nas ações do Bispo do Araguaia/Xingu.

Veronete Dias Gomes (PPGE/UERJ) – neth.said.ng@gmail.com
GT 13 – História da Educação

NA RODA

Nesta roda viva,
Se me dás as mãos,
Se eu ajunto o pé;
Se ele traz a voz;
Se nós nos unimos;
Na dança, na marcha,
No grito, na luta...
A roda avança,
A roda se firma,
E, um dia, se impõe
A roda do povo. (Pedro Casaldáliga, In: A Cuia do Gideão)

Resumo:

Este texto objetiva construir significados das práticas de educação ambiental coordenadas pelo Bispo Casaldáliga e difundidas pela equipe pastoral e movimentos sociais da Prelazia de São Félix do Araguaia durante as décadas de 1960/1970. O referencial teórico/metodológico tem por base a pesquisa genealógica, procura analisar as emergências e transformações das formações discursivas e está ancorado nos escritos de Foucault (2000, 2019). A partir do trabalho investigativo com três fontes documentais, esta comunicação analisa os discursos difundidos por Casaldáliga e agentes pastorais que se fizeram missionários com vistas a ações de enfrentamento da opressão e construção do pensamento socioambiental por peões, posseiros, meeiros, indígenas, grupos urbanos da Prelazia e as respectivas organizações. Como resultado afirmamos que as estratégias de Casaldáliga de trabalhar com a religiosidade popular e a consciência de cidadania, a partir da teologia da libertação, resultou na produção de textos que definiam um território e, nesse movimento, propiciava educação socioambiental comprometida com os setores sociais mais vulneráveis.

Palavras-chave: Educação ambiental. Casaldáliga. Amazônia. Araguaia

1 Introdução

Este texto constrói significados em torno de algumas compreensões e transformações sociais produzidas por Pedro Casaldáliga e a equipe pastoral da Prelazia de São Félix do Araguaia. Os escritos partem do pensamento que permeavam temas educativos, as práticas sociais, as atitudes, enfim, o comportamento aglutinador dessa equipe educativa que transitou de uma percepção centrada no social que transitou por uma visão ambiental e se definiu em uma importante conexão socioambiental¹. Até porque vivendo as situações sociais e culturais das populações constituíam partes importantes do pensamento, particularmente dos povos do Araguaia/Xingu, que nas décadas de 1960/70

¹ Consideramos que todos os documentos fontes deste trabalho são, por excelência, textos educativos.

se encontravam em regime de opressão e exploração. Por isso, o objetivo é apresentar as condições de desenvolvimento, as circunstâncias de mudanças nas experiências sociais de um Bispo que chamou para si e sua equipe a responsabilidade pela educação de uma geração de pessoas a partir da sua determinação em conviver com os pobres nos próprios cenários de vida comunitária, transformando as vivências das populações e dos movimentos sociais.

Mais que isso, Pedro Casaldáliga ficou obstinado pela necessidade de transformação social por uma decidida ação educativa de toda a população regional pela conexão da realidade com a religiosidade popular. Não somente pregação de crença dogmática, não somente a fé, mas busca pela tomada de atitudes de cidadania diante da vida concreta que vivenciavam. De crianças a adultos Pedro Casaldáliga queria educar pessoas para produzir as modificações que acreditava humanizar as experiências de vida na fronteira da região amazônica com o cerrado ou na divisa da civilização moderna no enfrentamento das práticas feudais de determinados proprietários de terras, particularmente os latifundiários e conjuntos de pessoas organizadas nas empresas agropecuárias que exploravam a região.

As produções ou as construções de significados sobre os distintos trabalhos de Pedro Casaldáliga tem sido estudado por diversos autores. E, na maior parte dessas publicações as ações religiosas são os referenciais para os estudos. O conhecimento das ações do Bispo da Prelazia como ambientalista, agente socioambiental, enfim, como cuidador da Amazônia ou, mais propriamente, como educador ambiental da fronteira cerrado/floresta, talvez mereça alcançar outros patamares de constituição dos sujeitos e na importância institucional. É preciso reconhecer nesse homem, cidadão estrangeiro e do mundo, a necessidade de uma das mais merecidas retomadas ou releitura de vida de um sujeito do seu tempo. Assim, falar de Casaldáliga como humanista e como educador ambiental é um desafio que impõem necessidades de releituras históricas e exigências teóricas que trazem problematizações na construção de sentido do trabalho de um Bispo em exercício de atividades clericais, mas, cujas ações são humanamente significativas para todas as pessoas que precisam, pelo menos, do ar, da água e da terra para viver. Podemos tentar “remar” por entre os acontecimentos?

2 Caminhos investigativos

A pesquisa procura se inserir no pensamento genealógico de Foucault (2000, 2019) no sentido de escrever a história na perspectiva da análise de transformações acontecidas

na realidade social. Nessa direção, nada mais fecundo do que pensar com as expressões de vida e as narrativas produzidas pela memória dos que construíram a história da Prelazia de São Félix do Araguaia nas décadas de 1960 e 1970. Assim, a epígrafe deste texto sintetiza bem a luta de Pedro Casaldáliga pela educação dos povos a partir da organização das lutas coletivas e também resume nossa compreensão sobre o sentido educativo do trabalho do Bispo do Araguaia/Xingu.

Nesta análise, utilizamos três documentos essenciais que demonstram essas transformações: a “Carta Pastoral” do Bispo Pedro, o Relatório denúncia chamado “Feudalismo e escravidão no Norte de Mato Grosso” e textos publicados no jornal “O Alvorada”². Para o entendimento presente neste texto, esses escritos constituem certa preciosidade aos historiadores, principalmente como memória dos trabalhos realizados naquele espaço geopolítico de difícil condições de registro das atividades³. Para nós, esses registros, constituem instrumentos políticos e educativos que ensejaram tomadas de decisões pessoais e dos grupos de educadores e participantes das atividades pastorais da Prelazia de São Félix do Araguaia.

Ainda temos por consideração que as narrativas se tornaram importantes nas práticas cotidianas dos distintos grupos sociais e no registro dos missionários e agentes pastorais de São Félix do Araguaia, tendo em vista, principalmente, a situação vivenciada e descrita na Carta Pastoral de Pedro Casaldáliga no diagnóstico da vida naquele espaço social e a produção de princípios norteadores das ações dos agentes. Nela, podemos entender que diante da falta de escola o índice de analfabetismo era ilegítimo, ilegal e desumano. Por sua vez, os outros documentos podem ser lidos como referenciais de leitura e releitura da própria vida daquela autoridade eclesial construída no cotidiano do Araguaia. Diante dessas circunstâncias, podemos compreender a condição desses documentos como situações imprescindíveis de registro de memória, pois

Neste tipo de documento a escrita tem duas funções principais: “Uma é o armazenamento de informações, que permite comunicar através do tempo e do espaço, e fornece ao homem um processo de marcação, memorização e registro”; a outra, “ao assegurar a passagem da esfera auditiva à visual”, permite “reexaminar, reordenar, retificar frases e até palavras isoladas”. (GOODY 1977b, p. 78 apud LE GOFF, 2021, p. 396).

A partir dessa compreensão, afirmamos a importância e a qualidade desses tipos documentais, os valores históricos e o significado científico e humano, haja vista tanta

² Mais detalhes sobre este jornal podemos conhecer em Scaloppe (2009).

³ Cf. Scaloppe (2009). O Alvorada foi o único jornal impresso que circulou na região por mais de duas décadas e ficou conhecido por sua manifestação contra a política imposta pelo regime militar

dificuldade em conseguir registros de atividades em situações tão complexas e de difícil acesso como a região nordeste de Mato Grosso nas décadas aqui estudadas. Primeiro porque passa dos relatos orais ao registro perene e, segundo, em função da crença que temos de que estavam em uma sociedade em processo de intensificação na transformação da oralidade para a construção da importância de valorização da escrita⁴. Assim, ao analisarmos esses documentos queremos acompanhar o raciocínio de que o documento/monumento deve ser compreendido na sua interação entre a memória e a escrita da história. E, a partir daí queremos fazer conhecer que esta construção depende basicamente de algumas propostas:

A concepção de documento/monumento é, pois, independente da revolução documental e entre os seus objetivos está o de evitar que esta revolução necessária se transforme num derivativo e desvie o historiador do seu dever principal: a crítica do documento – qualquer que ele seja – enquanto monumento. O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa. (LE GOFF, 1996, p. 545-546).

Ao nosso entendimento, o trabalho com documento/monumento para pensar práticas educativas sócio ambientais de um eclesiástico com grande reconhecimento social, cultural, político e religioso exige certos cuidados com o conjunto documental, uma vez que devemos evitar forjar situações ou identificar realizações fora do âmbito das suas relações, propósitos e princípios. Os documentos devem ser expressão da realidade experimentada na vida cotidiana de um povo e refletir as circunstâncias de suas narrativas. Nada mais além disso.

E o papel do historiador se consolida e se torna mais visível nesses instantes em que as decisões são tomadas entre o objeto, as fontes, a metodologia e as ações para que as narrativas se tornem compreensíveis. Nesse aspecto:

O historiador – observem – não interpreta mais o documento para apreender por trás dele uma espécie de realidade social ou espiritual que nele se esconderia; seu trabalho consiste em manipular e tratar uma série de documentos homogêneos concernindo a um objeto particular e uma época determinada, e são as relações internas ou externas desse corpus de documentos que constituem o resultado do trabalho do historiador. (FOUCAULT, 2000, P. 291)

⁴ No estudo histórico da memória histórica é necessário dar uma importância especial às diferenças entre sociedade da memória essencialmente oral e sociedade de memória essencialmente escrita como também à fase de transição da oralidade à escrita, a que Jack Goody chama “a domesticação do pensamento selvagem”. (LE GOFF, 1996, p. 426)

Com isso, podemos compreender o papel necessário que um historiador da educação deve empreender diante dos seus objetos de pesquisa. Constituir séries documentais, ou assuntos temáticos para tornar mais específico o objeto investigativo, bem como estabelecer tratamento dos documentos que permita construir as relações internas e externas desse corpus documental com outros documentos para conhecer mais intensamente os acontecimentos.

3 Propostas de missão religiosa e educação comprometidas com questões sociais

Quando chega ao Brasil, para Pedro Casaldáliga⁵ foi destinado o cuidado, como padre, da região de São Félix, então vinculada a Diocese de Conceição do Araguaia no Pará. Após três anos de atividades, ele foi designado à recém-criada Prelazia de São Félix do Araguaia. Já vivenciando a Teologia da Libertação, desde que vivia na Espanha e após experiência na África, Casaldáliga aproveitou para intensificar estudos nessa vertente teórica da igreja católica e que também são estudadas por instituições protestantes como a igreja luterana⁶.

Em seus encaminhamentos na relação fé e vida, na execução de práticas religiosas que combinava a religiosidade popular com ações pastorais, educativas e culturais, enfrentava percalços. Sem perder a sobriedade e com foco no trabalho educativo, Pedro foi se apropriando do conhecimento da região e, particularmente, envolvendo-se com os distintos povos da Prelazia de São Félix, cuja parcela significativa estava vinculada com a experiência de vida entre o Nordeste e as cobiçadas terras da Amazônia legal brasileira. Tanto foi assim que, desde sua chegada, decorreram três anos de aprendizagem da situação da população e compreensão em torno dos caminhos e modos de exploração social com os chamados projetos agropecuários da SUDAM⁷ que estavam sendo desenvolvidos na região.

A primeira inserção pelas preocupações sociais tratou de questões de ordem de relações de trabalho do povo que vivia em plena floresta amazônica na fronteira com o

⁵ Cf. Ribeiro (2016). Nasceu em 1928 na cidade de Balsareny, na região da Catalunha, Espanha. Sagrado sacerdote em 1952. Mudou-se para o Brasil em 1968, para exercer seu sacerdócio apostólico e seu trabalho humanitário e social. Ficou conhecido pelo trabalho em defesa da vida, da natureza e dos direitos dos menos favorecidos. Durante o regime militar (1964 a 1985) foi a voz solidária e solitária do Centro-Oeste brasileiro.

⁶ Alguns documentos constantes do Arquivo da Prelazia de São Félix do Araguaia mostram muitos escritos produzidos por autoridades eclesiais luteranas e católicas.

⁷ Instituição criada no decorrer da ditadura militar, denominada Superintendência do Desenvolvimento da Amazonia e visava financiar projetos de ocupação do território amazônico com a criação de gado.

cerrado por entre o Araguaia e Xingu. Começava assim a construir a própria consciência religiosa, política, social, educativa e cultural da situação de sofrimento daquela população; e, tem início o enfrentamento divulgando denúncias como fez com o Relatório denominado “Feudalismo e escravidão no Norte de Mato Grosso”⁸, cujas consequências são objetos de diversos estudos do campo da história.

Para Casaldáliga havia a evidente oposição entre a existência da Amazônia, das matas do cerrado e a constituição do latifúndio legitimado por recursos públicos e poderes estatais que produziam sujeição das pessoas vulneráveis no ambiente amazônico. Assim, essa autoridade da igreja estava pensando no latifúndio e suas consequências como referencial a ser questionado para essas situações de vida e propostas de realização de uma sociedade que deveria obter a própria civilização a partir das lutas pela cidadania. Portanto, em sua primeira fase de ação pastoral, Pedro Casaldáliga, sabiamente, trabalhava a compreensão humanizada para ser articulada com a preocupação com as matas e animais das florestas. Assim, estabeleceu alguns parâmetros para um olhar mais agudo e interrelacionado entre homens/mulheres e a composição da Amazônia, Araguaia e Xingu. E, exatamente por isso, procurava conduzir os pensadores das ações da igreja católica para uma missão ligada a “opção preferencial pelos pobres”.

Na distribuição de encargos da igreja católica, ao assumir uma função superior na estrutura de poder da igreja, o Padre Casaldáliga fez da mudança da condição hierárquica para Bispo da Prelazia um serviço ao povo, uma missão de vida e publicou, imediatamente, talvez a mais famosa e importante Carta Pastoral da história contemporânea dentre as autoridades das igrejas no Brasil. Um documento que iria mudar a percepção da realidade da igreja católica e de setores sociais⁹. Em nossa compreensão, foi a partir deste documento que começaram as mais amplas e eficazes ações educativas dos membros e dirigentes da Prelazia de São Félix do Araguaia, fosse por ordens do bispo, fosse por estímulo. O título do documento eclesial é inequívoco: “Uma igreja da Amazônia em conflito com o latifúndio e a marginalização social”.

Nela, Pedro ao descrever também constituía um território¹⁰ definindo uma ação sobre ele: apreender o espaço para agir. Na Carta Pastoral (1971, p. 02) Pedro descreve o

⁸ Esse Relatório/Denúncia é um documento que temos notícias de ser publicado em 1967 para efeitos de ações no interior da igreja católica e que vem a público a partir dos anos de 1970.

⁹Cf. Costa (2018).

¹⁰ A noção de território apoia-se em Santos (2005) compreendendo não apenas aspectos físicos como também simbólicos

espaço social em que estava inserido nomeando-as como terras férteis, florestas, campos e cerrado, estações das “chuvas” e a estação da “seca”. Casaldáliga denunciava, inclusive, a existência de pastagens, margens de areia e argila, fruto da degradação ambiental de matas ciliares, constituindo também partes de sertão e varjões. Ao mesmo tempo que alertava para a situação vivenciada, Casaldáliga educava ao apresentar compreensões sobre temas relevantes ainda naquela época pouco divulgada e compreendida.

Em relação a população, a região tinha baixa densidade demográfica e organização populacional muito mal distribuída pelos espaços urbanos e rurais. Talvez devido a falta de condições de vida, falta de políticas públicas agravadas pelas distâncias e outros obstáculos para que o povo pudesse viver melhor. Ou, é possível que as ações fossem resultado também do abandono pensado e organizado pelo poder público para promover a mobilidade social para as cidades, visando concentrar populações para as “novas eras” da industrialização promovida pelo capital da elite brasileira. Deste modo, meeiros, peões, posseiros, sem terras, indígenas e populações específicas viviam intensa mobilidade diante do desemprego, falta de posse de terras e de educação, pobreza e indigência. Nesse mesmo período, os grupos sociais conviviam também com disputas pela terra e submissão ao poder do latifúndio como explicita a própria Carta Pastoral. O documento do Bispo registra conhecimento a respeito de cada um deles e no tocante a compreensão e organização dos grupos indígenas a narrativa permite uma percepção territorial:

Existe na área da Prelazia as aldeias indígenas da metade leste do Parque Nacional do Xingu, à margem direita do rio, e as aldeias de São Domingos, Santa Isabel, Fontoura, Macaúba, Tapirapé, Canuanã, Cachoeirinha, Areões, Barra do Tapirapé e Luciara. (CASALDÁLIGA, Carta Pastoral, 1971, p. 02)

Com estas considerações demonstrando conhecer os grupos étnicos, pelos escritos, Casaldáliga queria, concretamente, fazer com que todos os que lessem o documento eclesial, percebessem sua preocupação com as diversas comunidades, principalmente com as situações dos povos indígenas. Tanto que, sem esquecer um só grupo dessas populações nativas, o Bispo nomina e localiza tendo como referencial as cidades e os grupos étnicos. Eis sua preocupação com as comunidades tradicionais, Questão social primeiro, compreensão educativa sobre os conhecimentos na sequência e aproximações com as questões ambientais sendo apresentadas em evidência de domínio de saberes sobre os grupos étnicos, suas situações de vida e obstáculos sociais. O Bispo Pedro começava a organizar e articular os temas, bem como interconectar as relações existentes na produção da difícil realidade que a população local experimentava.

Ao mesmo tempo, podemos perceber que ao fazer ecoar, de maneira conexas, as suas inquietações com as organizações locais que já havia enfrentado, a autoridade eclesial não se esquece de nominar os chamados “grandes projetos agropecuários” que afetavam a vida da população daquela região na fronteira do cerrado com a parte amazônica.

Localizam-se na região a maior parte dos empreendimentos agropecuários Fazendas ou companhias - aprovados pela SUDAM. Entre eles, a Suiá-Missu, Codeara, Reunidas, Frenova, Bordon, Guanabara, Elagro, Tamakavy, etc. (cf. Documentação, nº I) (CASALDÁLIGA, 1971, p. 03)

Na mesma Carta Pastoral, com descrições nominais, Pedro apresentou as forças políticas, econômicas e o contingente de pessoas que se locomoviam pela região e que eram organizadas para enfrentamento das lutas camponesas e de todos os apoiadores desses setores fragilizados. Assim, Pedro Casaldáliga colocou em evidência um conjunto de personagens que estava disposto a usar a violência e a surpresa para destruir toda organização e luta daqueles povos, em benefício da elite que se apropriava dos espaços públicos para aumentar seus latifúndios. Aparecem os capangas e pistoleiros que comprometiam a vida em comunidade por espalhar o medo com ameaças e ações que contrariavam a preservação ambiental e a organização das lutas pela vida naquela região.

Casaldáliga fazia aparecer as inquietudes com os problemas que envolviam os povos amazônicos. Afinal, eram esses “grandes” que causavam problemas de diversas ordens para a vida daquele povo em situação de alta dependência de ações políticas do Estado. Particularmente, em função da realidade de uma sociedade que convivia com aparatos extra estatais para fazer acontecer seus desígnios e causar alertas, apreensões, dúvidas e medo na população.

Uma narrativa bem definida para assegurar a diferença entre as lutas pela posse de terra e condições de vida para setores sociais comprometidos com a preservação da vida coletiva e comunitária de populações majoritárias, empobrecidas e vulneráveis. Diferentes de outros grupos sociais compostos por uma certa elite econômica, com poucos fazendeiros e agropecuárias, ordenando o domínio de grandes porções de terras – os latifundiários – combinando a vida com a devastação em larga escala de partes da floresta amazônica e de parcelas das poucas matas do cerrado. Uma constatação que educava porque apresentava as diferenças sociais e os problemas por resolver entre os políticos, as políticas públicas e também por entre a população empobrecida que deveria reivindicar e lutar por seus direitos a vida e as políticas públicas.

Em seus escritos, tal qual em diversos dos seus versos e poemas que fizera ecoar e divulgar por entre declamações e escritos, Casaldáliga queria construir com aquele povo um modelo de sociedade organizada, participativa e com ações coletivas. E, tal perspectiva, juntamente com um projeto de cidadania e de educação que humanizasse as relações sociais, culturais e educativas, que pudessem fazer avanços na busca por construção de justiça social como anunciou na Carta Pastoral. A partir da constituição de uma sociedade organicamente comprometida com as reivindicações e as lutas pelo direito de todos, pretendiam desestimular e denunciar os privilégios e privilegiados que desejavam fazer daquela região verdadeiros feudos.

4 Casaldáliga: fazer educação ambiental combinada com responsabilidade social.

Poucas são as pessoas que se engajam diretamente em um processo de transformação/produção de realidade social com todos os projetos bem definidos e detalhados para a realização imediata do trabalho. No interior dos movimentos sociais isso não é diferente e também nas instituições com forte hierarquia e com quadro de mobilidade de autoridades eclesiais bem ativas como faz acontecer a Igreja Católica. Para fazer avanços no pensamento e nas práticas, a experiência é fundamental e decisiva na construção de ordens sociais justas e fraternas. Quando se refere a cidadania, educação, participação, organização e vivência coletiva da vida, Pedro Casaldáliga sabia, como poucos, estabelecer diretrizes concretas para superação de problemas que tinha por enfrentar em busca de uma sociedade humanamente digna e distante da barbárie. Ao mesmo tempo seus documentos pastorais deixam bem compreensível e objetivada a relação entre o homem, a mulher, a natureza, a fé, a religiosidade e as relações com a dignidade da vida pessoal e coletiva.

Após a divulgação da Carta Pastoral da missão de Pedro Casaldáliga, a dimensão socioambiental começava a ser preocupação intensa que deveria estar presente, principalmente, nas organizações e reivindicações daquele povo. Casaldáliga fazia seus ideais tomarem formas concretas na vida daquela população. Desde o título do documento eclesial afirmando a Amazônia como espaço de potencialização do ser humano, humanização das relações, produção da convivência pacífica entre os setores sociais até o fato e compromisso de trabalhar para que aquela região amazônica que envolvia o Araguaia e o Xingu não se constituísse somente como um espaço de ações religiosas difundidas pelos membros da Prelazia de São Félix do Araguaia. Em uma espécie de agenciamento bem intensificado, as ações de evangelização se tornavam uma missão de

fazer viver os grupos sociais. Nesse aspecto, o Bispo conclamava da organização eclesiástica a qual pertencia – a igreja católica –, do povo brasileiro e dos governantes de outros países para pudessem dirigir olhares à floresta amazônica e às matas do cerrado.

Deste modo, começava a compreender a Amazônia não apenas como selva, constituída unicamente de fauna e flora. A partir dessas ações o Bispo do Araguaia começa a combater as ideias isoladas de ambiente e ecologia, cujo pensamento fazia delirar os ambientalistas despreocupados com a população e que não conseguiam conectar homens e mulheres com o ambiente ecológico. Pedro começava, assim, a aprofundar o pensamento e aumentar o diálogo sobre os ideais que não conseguiam compreender o lugar das pessoas como seres humanos que habitam cada espaço por entre árvores e animais para produzir vida com dignidade.

E, ao ampliar seu pensamento, Pedro assumia o trabalho como pensador socioambiental, aumentava o potencial da formação discursiva sobre o tema relacionado com questões sociais e qualificava suas ações educativas nas ações que promovia para tratar as questões da vida nas terras reivindicada pelos camponeses e intensificar o trabalho sobre autossustentação e sustentabilidade ambiental. Nesse quadro, Casaldáliga foi um incentivador do pensamento hodierno com características interdisciplinares, de modo singular, ao difundir mensagens de preocupações articuladas entre ambientalismo/socioambientalismo e no desenvolvimento de ideias sócio/ambientalistas ligadas a temas que envolviam a vida de peões, posseiros, sem-terra, desempregados, comunidades indígenas, mulheres oprimidas, povos desorganizados. Sem esquecer os problemas que criavam as situações humanamente indignas com esses grupos sociais, o bispo denunciava a sociedade capitalista de exploração desumanizada que se constituiu na construção de desenvolvimento rural na região amazônica, via SUDAM, que privilegiava o enriquecimento dos proprietários em detrimento da pobreza, fome e até miséria que campeava pela região Araguaia/Xingu como denunciava no Jornal Alvorada da Prelazia.

O socioambientalismo e a educação ambiental promovida por Casaldáliga pode estar ligado a um problema concreto de relações de vida e está marcado pela preocupação central com o homem/mulher daquele espaço rural/urbano na Prelazia de São Félix do Araguaia. Daí porque a Carta Pastoral do Bispo identificou e apresentou as características do inimigo a ser combatido, do obstáculo a ser transposto, do perigo a ser destruído, do produtor da crueldade e desumanidade entre os grupos existentes no sertão do norte de

Mato Grosso: o latifúndio, o latifundiário e suas organizações. Apontava os problemas de maneira objetiva, principalmente aqueles propostos como empresas/empreendimentos rurais e financiados com recursos públicos pela SUDAM. Nesse aspecto, as redes de articulação e educação dos povos do Araguaia/Xingu começava a compreender os monstros capitalistas financiados pelo Leviatã da ditadura civil/militar e que conflitava com a vida das pessoas em situação de pobreza naquela região.

Tanto que na Carta Pastoral o Bispo assegurou o compromisso da instituição com a qual estava vinculada com os assuntos latifúndio, Amazônia e povos amazônicos e assumiu a devida responsabilidade pelo trabalho que se realizaria naquela região, como demonstra este fragmento do documento

O "momento publicitário" de projetos e realizações que a Amazônia está vivendo, e a opção de prioridade que a própria Igreja do Brasil fez por ela, através da CNBB, justificam também com nova razão esta minha declaração pública.

Se "a primeira missão do bispo é a de ser profeta" e "o profeta é a voz daqueles que não têm voz" (card. Marty), eu não poderia, honestamente, ficar de boca calada ao receber a plenitude do serviço sacerdotal. (CASALDÁLIGA, CARTA PASTORAL, P. 01)

Naquelas situações, o assumir missionário foi o diferencial que fez de Casaldáliga um homem reconhecido pelas suas lutas e por organizar um povo para destravar as condições de civilização e escapar da barbárie que a população vivia, como podemos conhecer nesses documentos que estão presentes neste trabalho. Nesse aspecto, a ideia de missão se materializa na condição de "profeta" e, nessa definição, a ideia de profeta foi precisa para o primeiro Bispo da Prelazia de São Félix do Araguaia. Afinal, profeta, na espiritualidade assumida pelo Bispo na sua Carta Pastoral, também é um educador, porque aponta caminhos, apresenta saídas e conduz seu povo para uma vida segura, fraterna e solidária.

Em outros termos, não ser conivente com a realidade local e não compactuar com as situações de barbáries vividas naquele espaço social, ou seja, se negar a aceitar as injustiças contra o povo e nem mesmo ser cúmplice com os acontecimentos que o próprio Casaldáliga havia denunciado como padre daquele povo. Então, qual direção tomar? Qual caminho percorrer? A luta pela cidadania? Por civilização? Pela superação da barbárie? Esforços de denúncia da organização do sistema feudal e escravocrata como havia escrito ele próprio? Rebelião e insurreição com um povo? Também preocupação socioambiental com os distintos grupos que existiam naquele espaço social? Ou tentativa de pacificar as

lutas e interesses de quem, aparentemente, eram contrários/contraditórios como os casos dos povos originários e posseiros?

Assim, tomamos por consideração que a denúncia produzida pelo Relatório *Escravidão e Feudalismo no Norte de Mato Grosso* nos idos de 1970 e publicação imediata da *Carta Pastoral*, de 1971, já eram a definição do firme propósito de Pedro Casaldáliga de conviver com os pobres no próprio território desamparado de políticas públicas e lutar junto, com e pela população. Essa, era a sua missão bem presente nos documentos. Nesse sentido, colocar-se como um homem bem definido no processo de aculturação se fazia necessário se mostrando comprometido, também para obrigar o compromisso da sua instituição igreja católica e, finalmente, para conduzir a consciência daquele povo para uma responsabilidade coletiva dos distintos movimentos sociais e políticos que lutavam pelos mesmos objetivos que ele se dispunha. Eis a inteira disponibilidade em enfrentar a opressão, denunciar as mazelas e as responsabilidades devidas. Daí porque tem sentido a frase mais ouvida e escrita sobre Casaldáliga e pronunciada constantemente pelo próprio Pedro: “Minhas lutas valem mais que minha vida”. Assim, educar o povo na ideia de cidadania coletiva, de luta por direitos e organização das reivindicações daquele povo, conforme escreve nesse e em outros tantos documentos da igreja católica e entrevistas para jornais de diversas partes do mundo.

Os distintos conhecimentos da realidade por Casaldáliga, dos demais componentes dos movimentos sociais e dos agentes pastorais da Prelazia ficam visíveis e compreensíveis nas manifestações presentes nos registros da Prelazia, de modo singular nas narrativas no jornal o Alvorada. A visão socioambiental desses missionários da Prelazia, comandados justamente por Casaldáliga, articulava denúncias, testemunhos, escritos em jornais, cartas, poesias, narrativas em forma de diálogos com a realidade social e exposição de circunstâncias vividas da maneira mais compreensível pela própria população local.

Depois de oito anos lutando por questões sociais, Casaldáliga ampliava sua percepção da vida na Amazônia, do Araguaia e do Xingu para articular questões socioambientais contemporâneas. Após o retorno de sua participação em uma assembleia nacional da Comissão Pastoral da Terra – CPT¹¹, houve uma divulgação dos temas desse serviço pastoral nos seguintes termos:

¹¹ Serviço pastoral da Igreja Católica criado com as contribuições de Pedro Casaldáliga.

A Assembleia decidiu apoiar a luta pela reforma agrária, a resistência do povo contra toda opressão, o direito dos lavradores sem terra “de tomar posse de áreas produtivas não cultivadas dos grandes latifúndios e das terras públicas.” Procurar que se conheçam as leis que defendam os trabalhadores rurais. Denunciar a devastação da Amazônia e a expulsão de agricultores que moram nas áreas onde o governo implanta programas de irrigação e barragens. Lutar contra o mau uso dos produtos químicos, que sujaram os rios, matam os peixes e prejudicam a saúde do homem. Incentivar todos os lavradores a participarem do Sindicato e se organizarem frente aos grileiros e jagunços. (JORNAL ALVORADA, 1979).

Nesse fragmento aparece a conjuntura da realidade ecológica de maneira precisa e articulada com as causas sociais. Logo, a questão ambiental foi compreendida de uma maneira complexa e intensificada na nova leitura das experiências vivenciadas. A CPT havia tomado decisões que estavam de acordo com os interesses e necessidades dos posseiros e com a maioria dos demais habitantes do Araguaia/Xingu, cujo trabalho de preservação já acontecia.

A partir desses elementos aglutinadores das lutas e de educação do povo emergiram temas como a “devastação da Amazônia”, questões contra os quais eles já estavam lutando havia certo tempo. Os enfrentamentos pela manutenção dos posseiros diante das expulsões por jagunços, polícia ou exército de homens contratados pelos fazendeiros foram assumidos pela Igreja Nacional e divulgados como conquista também daqueles povos. Outro tema enaltecido foi sobre os agrotóxicos que eram utilizados na região.

Nas distintas narrativas publicadas no Jornal Alvorada havia sempre uma proposta para ser realizada, em busca da superação de problemas como os relatados acima e agora neste fragmento. Assim, o jornal convoca para tomada de consciência dos peões, posseiros, índios e população urbana local:

Reclamar até que o Funrural¹², o INAMPS¹³ seja de verdade a serviço do povo. Nesta hora de criação de novos Partidos Políticos, para que abra os olhos e apoie os partidos que melhor defendam os interesses do povo mesmo. Ajudar o povo a conhecer a política e a criar consciência do seu dever de participar, ajudá-lo nesta hora. “A respeito da nossa vida de fê”, defender todos aqueles que sofrem perseguição por causa da libertação dos oprimidos. (JORNAL ALVORADA, 1979).

Mais que um alerta, um processo educativo de chamar à responsabilidade os próprios trabalhadores e trabalhadoras para que pudessem enfrentar as situações denunciadas, não de maneira individual, mas em trabalho coletivo, em organizações próprias de reivindicação dos direitos individuais e direitos sociais como as políticas

¹² Fundo de Assistência ao Trabalhador Rural (1963)

¹³ Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social (1977).

públicas. Nesse aspecto, com Casaldáliga as respostas ao mundo da barbárie começavam a avançar e encontrar caminhos civilizadores, humanos e de busca constante por justiça social à humanidade. Em seus escritos, nas exposições das ideias dos agentes pastorais a questão ambiental começava a tornar-se um assunto que envolvia homens e mulheres, fauna e flora, tudo integrado em busca de sustentabilidade. Era um processo de educação organizada que começava a estabelecer parâmetros de vida civilizada e humanamente comprometida entre os povos daquela região e que servia à humanidade.

5 Em busca de conclusões

Pedro Casaldáliga e sua serenidade educativa precisa ser mais minuciosamente estudado para que possamos compreender, em uma análise pormenorizada. É exigente conhecer como esse Bispo da Prelazia de São Félix do Araguaia organizou as ações educativas de uma população carente do atendimento obrigatório do aparelho estatal por meio de ações pastorais, trabalhos educativos a partir de textos no jornal e atividades de movimentos sociais e sindicais. Pedro se educou nas questões sociais e ambientais, ensinou e educou pelas atitudes e, de maneira singular, pelas mensagens e textos teológicos e poesias, com viés socioambiental, que difundiu por entre o povo do Nordeste de Mato Grosso.

Educador por natureza e por opção, educador por suas ações e pelas próprias expressões por entre diferentes comunidades Pedro aprendeu bem a linguagem dos posseiros, indígenas, ribeirinhos, peões, enfim, homens e mulheres do Araguaia/Xingu, da região amazônica e os respectivos grupos sociais em que o Bispo estava imerso na cultura. Ao mesmo tempo, esse religioso conseguia falar com comunidades científicas, políticas, administrativas, eclesiásticas, evangélicas, agnósticos, democratas, liberais e mais precisamente, os que comungavam com seus ideais de vida social, cultural, religiosa e disposição das experiências nas lutas por uma educação socioambiental comprometida com a vida.

Referências

CASALDÁLIGA, Pedro. **Carta Pastoral: Uma Igreja da Amazônia em conflito com o latifúndio e a marginalização social**. São Félix do Araguaia. 1971.

_____. Relatório: Escravidão e feudalismo no norte do Mato Grosso. Documento sobre a situação de escravidão e exploração de trabalhadores no Norte de Mato Grosso. Cópia disponível no Arquivo da Prelazia de São Félix do Araguaia “Tia Irene”. 1970.

COSTA, Iraneidson S. Pedro Gondra y Pedro Plá: Dois cristãos a serviço dos pobres da América Latina. **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, Ano 11, nº 32. Set/Dez de 2018.

FOUCAULT, P. Michel. **Microfísica do poder**. 9 ed. Org. e trad. de Roberto Machado. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2019.

_____. **Ditos e escritos II**: Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento. Org. Manoel B. da Motta. Trad. Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária; 2000.

HASHIZUME, Maurício. Evento Reaviva: 40 anos de luta contra o trabalho escravo. **Jornal Repórter Brasil**, 2010. Disponível in: <https://reporterbrasil.org.br/2010/04/evento-reaviva40-anos-de-luta-contra-o-trabalho-escravo/>. Acesso em 09 mai. 2021.

O Alvorada. Prelazia de São Félix do Araguaia, Mato Grosso. Nov.1970.

_____. Prelazia de São Félix do Araguaia, Mato Grosso. Set; 1979.

Ribeiro, Luiz Carlos. FERREIRA, Flávio. **Fica, Pedro!** Tradução Silvana Aparecida Teixeira. Cuiabá, MT: Entrelinhas, 2016.

SANTOS, Milton. O retorno do território. **OSAL: Observatório Social de América Latina**, Buenos Aires, Argentina, p. 251–261, 2005.

SCALOPPE, Marluce de O. Machado. Práticas midiáticas e cidadania: o papel do jornal Alvorada na Prelazia de São Félix do Araguaia (1970-1984). Dissertação entregue ao Programa de Pós-graduação do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Mato Grosso. 2009.

LE GOFF, Jacques. História e Memória. Tradução de Bernardo Leitão [et al.]. 4 ed; Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.